

A necessária e urgente democratização do ensino público universitário no Brasil exige ação enérgica e corajosa.

O acesso às vagas de qualidade no ensino público superior está estruturalmente vetado às maiores populações no Brasil. Esta situação exige ações profundas, corajosas e urgentes de todos os níveis do governo, e da sociedade brasileira em geral. A opção por atalhos fáceis revela a enorme preguiça que a Nação demonstra em lidar efetivamente com o problema, podendo comprometer os poucos nichos de qualidade que o Sistema Nacional de Ensino ainda apresenta.

O Brasil tem 180 milhões de habitantes. Com uma taxa anual de natalidade próxima de 2%, nascem aqui todo ano mais de 3 milhões de crianças. Esta coorte demográfica pode ser vista por dois ângulos opostos: o das exigências e o das potencialidades. São mais de 3 milhões de bebês a demandar saúde, alimentação, moradia e todo o tipo de atenção ao indivíduo. Mais adiante, creches, escolas, lazer; mais alimento, mais saúde e proteção. São 22 milhões de banhos todas as semanas. Aí, tremam! Chega-se à adolescência... Mais alimentação, muito mais. E muita atenção, que toda a sorte de perigos espreita. E lazer. Pelo menos os banhos diminuem muito. Os sobreviventes, cerca de 95%, chegam aos 18 anos. A pressão agora é na oferta de empregos; nas vagas para a universidade. São os problemas. As demandas gigantescas sobre os recursos, materiais ou não, da sociedade.

Do outro lado as possibilidades, e quero aqui conduzir uma linha de reflexão. A universidade americana adota uma forma diferente da brasileira de selecionar seus novos alunos a cada ano, de um contingente geralmente muito maior de candidatos. Existe um exame padronizado, feito por uma instituição independente, ao qual se submetem milhões de candidatos em todo o país. Na verdade, em todo o mundo. O comitê de seleção da sua universidade escolhida lhe sugerirá que faça o exame e lhes envie o resultado, juntamente com seu currículo escolar. Ao participar daquele exame, você se coloca numa base comum de comparação com milhões de outros jovens em todo o mundo, seus contemporâneos, compartilhando com você de objetivos acadêmicos semelhantes. Seu resultado na prova será apresentado numa escala percentual: a sua posição relativa entre aqueles milhões de jovens. Um escore 95% indica que seu desempenho na prova deixou 95% dos candidatos abaixo e cinco por cento apenas acima de você. É um ótimo resultado. Com ele suas chances de ser aceito numa escola do primeiro grupo são muito grandes. Mais acima, no 99º percentil você estará na elite acadêmica, no 1% superior. As portas das mais consagradas instituições acadêmicas do planeta (MIT, Harvard, Caltech, Princeton) estarão abertas a você. Eles saberão que, como estudante, você é uma aposta certa.

Agora, imagine aquela garotada do 99,9%... a turminha do milésimo superior! São jovens extraordinários academicamente que, devidamente nutridos, farão coisas extraordinárias. As melhores universidades brigarão por eles.

O fato é que qualquer pessoa que esteja no milésimo superior de seu grupo etário, em qualquer campo de atividade, certamente chegará muito longe... se receber os estímulos certos, nos momentos certos. Nos estratos ainda mais altos temos, por exemplo, o milionésimo superior. Ronaldinho Gaúcho certamente veio ao mundo naquela região probabilística rarefeita do talento congênito extremo para o futebol, e teve sorte de ser notado a tempo. Muitos outros, não terão a mesma sorte e passarão anônimos pela vida, nunca jogando futebol, mas, quem sabe, sentindo alguma coisa estranha por dentro, como o pulsar inquietante da genialidade não manifestada, sempre que confrontados com objetos de forma esférica. O que teria acontecido com o Pelé, houvesse ele nascido 100 anos antes? Ou em 1940 mesmo, mas na Mongólia? Eu próprio gosto de me consolar pensando que, dentro de minha espessa mediocridade, hiberna a genialidade para alguma coisa – esporte, arte ou ciência – ainda não descoberta pelo engenho humano.

Há aqui um fato estatístico auto-evidente: para cada disciplina, para cada dimensão do complexo multidimensional das habilidades humanas, entre os três milhões de bebês que nascem todos os anos no Brasil, existem 30 mil, exatamente, que se posicionam, por sua predisposição congênita àquela disciplina, no 1% superior de sua geração, o percentil superior da coorte naquela dimensão. São bebês potencialmente extraordinários. Devidamente nutridos, estimulados, desafiados, aqueles das vertentes acadêmicas encontrarão portas abertas nas melhores universidades do mundo. Nas ciências e nas humanidades, eles dariam excelentes professores. Nas artes seriam reconhecidos e estimados em suas comunidades. Nos esportes fariam miséria nos torneios regionais. Trinta mil – todos os anos – em cada dimensão imaginável.

Pense agora nos grupos do 0,1% superior. Imagine um garotinho daquele nível em, digamos, Matemática. Ele tem, nesta dimensão, um potencial congênito que o coloca acima de 999 de cada grupo médio de mil de seus contemporâneos. Sonhe... Ele crescerá em ambiente estimulante e desafiador e, na escola, cruzará com professores sensíveis e estimulantes. Espontaneamente e com legítimo prazer, aos 7 anos ele se divertirá resolvendo, de cabeça, sistemas multivariados de equações lineares embora, talvez, não demonstre aptidão especial em outras disciplinas como, por exemplo, Desenho Artístico. São 3 mil destes garotinhos e garotinhas, um suprimento generoso a cada ano... apenas em Matemática. Os 3 mil do topo em Linguagem e Comunicação, também recebendo estímulos certos nas horas certas – hei, sonhar não é proibido! – comporão textos encantadoramente criativos desde muito cedo. Outros terão uma visão espacial fantástica, girando de cabeça volumes tetradimensionais complicados, dando-nos interpretações lúcidas de suas projeções tridimensionais. Aqueles eventos escolares, do tipo show de talentos, não se cansariam de nos surpreender e encantar, nas mais variadas dimensões do talento humano. E os torneios esportivos inter-escolares então, seriam gloriosos e atrairiam toda a comunidade e não apenas os pais corujas. Uma aluna minha, no semestre passado, desembaralhava nomes de cidades

brasileiras tão rapidamente que irritava seus colegas. Num experimento aberto em sala, usando o datashow, ela ganhou todas, inclusive decifrando QTCAUEBUEUT antes que eu digitasse as últimas 4 letras: QIAA. E ela nem era de lá! Sem o benefício do espaço no meio, GLEPATROREO lhe tomou mais tempo, uns 5 segundos.

Subindo ainda mais chegamos à estratosfera do talento humano. Nas fronteiras da genialidade, estarão os 30 bebês do centésimo de milésimo e, ainda acima, os 3 do milionésimo superior. Por ano e por disciplina.

Estes farão coisas realmente extraordinárias. Ganharão o Prêmio Nobel e medalhas olímpicas. Serão poetas, arquitetos, jardineiros, cozinheiros fantásticos. Ou não receberão os estímulos certos nas horas certas e passarão a vida em branco, mas sentindo, provavelmente, ao longo de toda a existência medíocre, aquela sensação inquietante de algo grande, latente, hibernando-lhes por dentro, sem encontrar uma linguagem através da qual se manifestar.

Vemos por todo o lado a marca histórica deixada por pessoas geniais, e o mundo é melhor por isto. Tente ouvir a entrada do coral no quarto movimento da nona sinfonia de Bethoven e não pensar em coisas sublimes. É difícil. Leia o discurso de Lincoln na dedicação do Cemitério de Gettysburg, ouça a gravação original, ao vivo, do “Eu Tenho um Sonho” de Martin Luther King e deixe se envolver por aquela sensação de estar diante da manifestação genial de pessoas especiais, destas que a natureza coloca generosamente à disposição da humanidade, a cada nova geração de bebês que nascem, só exigindo um meio ambiente estimulante propício. Pense em Bach, em Marx, no Pelé, no Picasso, em Darwin, em Lincoln. Que lampejo sublime de lucidez permitiu a Newton a síntese extraordinária da lei da gravitação universal? Em Brasília olho, meu Deus! a perspectiva da esplanada dos ministérios, com o prédio do Congresso Nacional ao fundo, e quero abraçar Oscar Niemeyer e dar-lhe na face, um beijo reverente de puro agradecimento. Por um momento não importa que lá esteja algo mais que o “centro das grandes decisões nacionais” de JK.

Mas há um problema... O talento, uniformemente distribuído por toda a população, é essencialmente imprevisível. Esta entidade fantástica, produto das variações sutis e aleatórias na fiação infinitamente complexa de cada cérebro humano, desconhece clivagens de gênero, de raça ou de renda. Governada unicamente pela lei probabilística dos grandes números atravessa, insensível, as fronteiras geográficas mais bem guardadas ou os estratos sociais mais arraigados. Na Índia atropela o *apartheid* disfarçado em estrutura de casta e em todo o mundo ridiculariza os teóricos fascistas da eugenia. Ao pai genial não se assegura maior chance de filhos especiais, embora estes, geralmente crescendo em ambientes excepcionalmente estimulantes, possam manifestar lampejos que sugerem, ao observador desatento ou pré-condicionado, vínculos de

natureza genética. E há espaço para todos, que vastas e infinitamente complexas são as dimensões de manifestação do talento humano.

Segundo o IPEA, 77% da população brasileira vivem com renda familiar mensal igual ou inferior a 5 salários mínimos. É a maioria pobre. Dos 3 milhões de bebês que nascem a cada ano no Brasil, mais de 2 milhões vêm ao mundo neste estrato das oportunidades restritas. Vivendo em uma sociedade estratificada, onde a educação básica, pela péssima qualidade, não funciona bem como elemento promotor de mobilidade social, serão em grande parte condenados a viver na pobreza e a transferi-la como herança a seus filhos. Mais 18 anos e chegarão à porta de entrada da vida adulta, sem uma educação formal de qualidade que lhes aponte e abra caminhos claros adiante. Sem a possibilidade de respaldo econômico familiar que lhes garanta reforço acadêmico ou um empurrão inicial para qualquer coisa, se encontram numa verdadeira sinuca de bico social, vulneráveis ao “lado sombrio da força” que campeia em terreno fertilizado pelo abandono e a negligência da Nação.

E o lado sombrio existe: há também o talento potencial para o mal, nas mesmas proporções, mas nas direções opostas, definidas não pela negação das habilidades positivas e desejáveis, mas por dimensões novas em seus próprios méritos. O perna-de-pau completo e incurável não faz mal a ninguém, e ainda serve de contraponto aos Ronaldos da vida. Falo aqui das habilidades potenciais negativas. A anti-matéria da matéria, que sociedades saudáveis cuidam de não estimular, abrindo ao mesmo tempo canais alternativos – talvez correlacionados, mas em direções positivas – de manifestação e participação. Mas nós não somos uma sociedade saudável. Não ainda. Nunca fomos. E no vazio intoxicante das oportunidades perdidas medra vigorosa a erva daninha.

A Educação nunca fez parte, seriamente, de nenhuma estratégia de desenvolvimento neste país. Numa biografia recente de JK, em mais de 700 páginas a palavra apareceu uma única vez, na formação do ministério do então presidente eleito. E a mãe de Juscelino era uma professora!

E hoje, o nosso sistema de educação básica vive uma grande tragédia nacional. Enquanto, pelo padrão internacional, uma criança deve estar alfabetizada ao final da 1^a. série, metade de nossos alunos ainda é analfabeta funcional ao final da 8^a. série. A edição de 2003 do PISA/OECD examinou, no tema Matemática, 250 mil estudantes de 15 anos em 41 países associados, classificando cada aluno, na ordem crescente do seu desempenho, do nível 1 ao 6. O Brasil ficou em 41^o. lugar, atrás de Indonésia, Tailândia, Tunísia, Turquia, México e todos os outros, com 54% de nossos estudantes não se qualificando sequer ao Nível 1. Numa pesquisa recente entre alunos de uma das mais respeitadas universidades do País, 63% não faziam a mais vaga idéia de qual seria a população brasileira, marcando alternativas absurdas como 35 e 350 milhões; 80% citaram

S. Paulo como a unidade da federação com maior número de representantes no Senado. São as marcas duradouras de uma escola básica que abdicou de ensinar.

Uma ditadura de vinte anos deixa seqüelas profundas que lhe sobrevivem por décadas. O horror ao autoritarismo moldou uma geração de pais e professores que abomina a autoridade. Sem esta como referência a criança se desorienta e, em grupos extensos explode em convulsões caóticas que o professor, impotente, não mais controla e vai empurrando com a barriga via progressão continuada. Numa outra direção, ícones históricos e legítimos da luta contra a ditadura retornam, encanecidos, de seus exílios alpinos, para a aceitação reverente dos que aqui ficamos. Oráculos deslocados no tempo e no espaço, ditam nortes confusos e paralisam o pensamento crítico. A confusão se instala. E neste ambiente caótico nosso vasto potencial humano em grande parte se esvai num emaranhado de “teorias” confusas, formas sem conteúdo, em arrogante contradição com as evidências empíricas. E a população mais carente, a mais pobre, é a maior vítima. Frequentemente sem o benefício de um ambiente familiar culturalmente elevado, sem recursos para comprar por fora os remendos acadêmicos necessários, o jovem se gasta numa escola patética e só excepcionalmente conquistará um das vagas de qualidade que o sistema universitário público oferece. No vestibular de 1.999, da Unicamp, apenas 5,5% dos aprovados vieram dos três quartos mais pobres da população, enquanto 35,5% saíram dos 2% mais ricos. Focando nos cursos mais concorridos, a situação fica ainda mais distorcida: A Faculdade de Medicina é uma cidadela inexpugnável para a maioria mais pobre. A concentração das vagas de qualidade nas universidades públicas é ainda mais profunda que a da renda no País.

Mas as boas universidades públicas brasileiras ainda são nichos de qualidade no sistema nacional de ensino. Vítimas também da patética situação do ensino básico que as priva do acesso aos vastos recursos humanos potenciais em nossa população, as universidades públicas lutam com dificuldade para se manterem como referencial de qualidade. Seus processos seletivos são nortes referenciais para muitos jovens. Em trinta e seis anos de vida universitária, jamais testemunhei qualquer episódio de desvio fraudulento dos critérios acadêmicos de seleção, que não fosse episódico, isolado e exógeno. Com todos os seus problemas e limitações, o vestibular do setor público é um raro exemplo de estabilidade e confiabilidade no universo crescentemente entrópico da educação brasileira.

Agora, o oportunismo político de um sistema que nunca teve a coragem de enfrentar o núcleo do problema, poderá arrastar toda esta cidadela à vala comum do tudo o mais. Diferente dos Estados Unidos, onde a distinção étnica é mais acentuada, no Brasil vemos o sonho de Luther King de que “um dia o filho do antigo escravo e o do antigo senhor de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade”, realizado, de forma oblíqua, dentro de cada um nós, da maioria dos brasileiros. Sim, que somos, individualmente, sínteses daquelas duas vertentes étnicas e de muitas

outras, residindo exatamente aí o tempero forte de nosso potencial humano. E vemos agora um corre-corre despudorado de pessoas que, até ontem, negariam qualquer herança da vertente africana, buscando em velhos baús provas de negritude, na corrida oportunista pelo caminho simplificado às vagas de qualidade. E o negro a que se refere o espírito da lei ficará, novamente, de fora.

Existe aqui um paradoxo curioso e perverso. Se o critério de negritude que vem sendo usado pela onda oportunista desencadeada pelo programa de cotas for aplicado à nossa corrente população de estudantes universitários, chegaremos à absurda conclusão de que a cota de negros já é atingida, desde sempre, pelas nossas universidades. No entanto não necessito de mais que os dedos das mãos para contar todos os negros negros que encontrei, como professores, colegas ou alunos, na minha vida universitária. E como somos piores por isto. Eles não estão lá, não em números minimamente condizente com sua participação proporcional na população, assim como não estão lá os pobres, havendo aí uma correlação óbvia cuja perversidade se auto perpetua. Esta situação perversa é absurda e contraditória com o espírito republicano e democrático, e sua solução uma demanda urgente do aqui e agora. Mas resolvê-la escancarando-se as portas da universidade às ondas oportunistas seria uma covardia e uma burrice. A entropia do sistema educacional brasileiro teria uma escalada histórica, propagando-se sobre o sistema universitário público. E, sobre a terra arrasada, a lei da vantagem se espalharia como a peste.

A democratização da universidade pública demanda ação urgente e corajosa no sistema nacional adutor básico, em duas vertentes conjugadas, a estrutural e a emergencial. Na primeira devemos promover uma revolução impaciente, irritada e profunda na nossa escola básica; na segunda, garimpar desde já, lá dos níveis fundamental e médio, num esforço multilateral, os alunos pobres mais promissores e tutorá-los, pelas portas da frente, às melhores vagas nas universidades públicas, cumprindo cotas emergenciais progressivas. E a nossa universidade pública de livraria de vez de seu jeitão anacrônico e indefensável de aristocracia e casta, projetando-se no País como uma instituição republicana vigorosa, democrática, crítica, produtiva e socialmente ligada.

Prof. Sebastião de Amorim
Campinas, maio de 2006.